

Framing populism in the pandemic: representations of Jair Bolsonaro in the journalistic coverage of Fantástico and Domingo Espetacular

Enquadrando o populismo na pandemia: representações de Jair Bolsonaro na cobertura jornalística do Fantástico e do Domingo Espetacular

Bruno Bernardo de Araújo*, Bruna Cardoso Soares da Silva**

*  Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Comunicação (bruno.araujo@ufmt.br)

**  Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Comunicação (bruna.silva8@sou.ufmt.br)

Abstract

This study analyzes the coverage of the Covid-19 pandemic in two Brazilian television news programs, specifically Fantástico from TV Globo and Domingo Espetacular from Record TV. Our objective is to study how both programs interpreted Jair Bolsonaro's positions during the crisis, marked by populist antagonism that led to a series of attacks on doctors, scientists, and intellectuals through a negationist and anti-science rhetoric. To do so, we conducted a study of a corpus of 308 news articles collected at different moments during the pandemic. The materials were scrutinized based on the intersection of content analysis and framing techniques. This approach allowed us to systematize data on the visibility of the pandemic and understand the frames of meaning proposed by the two channels in the discursivization of the former president's actions. We started with the hypothesis that the coverage exposed Record TV's alignment with the far-right government, which began during the 2018 elections, and highlighted the critical orientation assumed by TV Globo, especially regarding the figure of the president, in the face of his extremism. This sets it apart from a tradition of support for conservative rulers. The results show significant differences in the coverage of the two programs. While TV Globo openly criticized Bolsonaro's positions, aligning with the discourse of science, Record TV, affiliated with the Universal Church of the Kingdom of God, embraced a discourse in line with the negationist agenda, giving voice to anti-science speeches that normalize the populism of the then-president.

Keywords: Pandemic, Populism, Framing, Television, Jair Bolsonaro, Brazil.

Resumo

Este estudo analisa a cobertura da pandemia de Covid-19 em dois programas jornalísticos da televisão brasileira, o Fantástico, da TV Globo, e o Domingo Espetacular, da Record TV. Nosso objetivo é estudar como ambos os programas interpretaram as posições de Jair Bolsonaro na crise, marcadas por um antagonismo populista que produziu uma série de ataques a médicos, cientistas e intelectuais, por meio de uma retórica negacionista e anti-ciência. Para tal, conduzimos o estudo de um corpus de 308 matérias, coletado em diferentes momentos da pandemia. Os materiais foram escrutinados com base no cruzamento de técnicas de análise de conteúdo e de enquadramento. Essa abordagem permitiu sistematizar dados de visibilidade da pandemia e compreender que quadros de sentido foram propostos pelos dois canais na discursivização das atitudes do ex-presidente. Partimos da hipótese de que a cobertura expôs o alinhamento da Record TV com o governo de extrema-direita iniciado ainda nas eleições de 2018 e evidenciou a orientação crítica assumida pela TV Globo, especialmente em relação à figura do mandatário, perante o seu extremismo, o que a afasta de uma tradição de apoio a

governantes conservadores. Os resultados mostram diferenças importantes na cobertura dos dois programas. Enquanto a TV Globo criticou abertamente as posições de Bolsonaro, alinhando-se ao discurso da ciência, a Record TV, da Igreja Universal do Reino de Deus, apostou num discurso convergente com a agenda negacionista, dando voz a discursos anti-ciência que normalizam o populismo do então presidente.

Palavras-chave: Pandemia, Populismo, Enquadramento, Televisão, Jair Bolsonaro, Brasil.

Introdução

A pandemia de Covid-19 causou impactos profundos nas sociedades ao redor do planeta. Todavia, em alguns contextos, como nos Estados Unidos e no Brasil, a repercussão sanitária foi ainda maior. O fato de estadunidenses e brasileiros terem sido governados, naquela ocasião, por lideranças populistas, é um dado relevante que ajuda a explicar o cenário. Donald Trump e Jair Bolsonaro, então presidentes, adotaram uma postura de negação da pandemia, com discursos que simplificaram a abordagem pública da doença, além de terem produzido ataques frequentes a especialistas, com tentativas de desacreditar o trabalho da ciência. Em face disso, os dois países ocuparam, durante parte da crise, o topo das estatísticas, em número de casos e de mortos, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS)¹.

Uma pesquisa da *Oxford Covid-19 Government Response Tracker* (OxCGRT), publicada pelo jornal *The New York Times*², mostra que países então governados por populistas, como Brasil, Rússia, Estados Unidos e mesmo a Grã-Bretanha, tiveram um desempenho sanitário pior, em comparação com países liderados por políticos não-populistas, justamente por causa da rejeição à ciência e da adoção de teorias conspiratórias como parte da sua estratégia política, além da aposta na criação de falsas dicotomias entre a saúde pública e a economia de seus países. De fato, no Brasil, que acumulou, até outubro de 2021, cerca de 12% das mortes em todo o planeta³, Bolsonaro sugeriu que o vírus teria sido criado pela China⁴ e minimizou a gravidade da pandemia, no mesmo instante em que a OMS orientava a população a adotar medidas de biossegurança para evitar o agravamento da crise.

Em vez de seguir o que diziam as autoridades sanitárias, o ex-presidente fez um pronunciamento na televisão, em 24 de março de 2020, comparando a Covid-19 a uma "gripezinha"⁵. Naquele dia, menos de um mês desde a notificação da primeira infecção no país e há poucos dias da primeira morte, o Brasil alcançara 2.271 casos e 47 mortes⁶. Nos meses seguintes, Bolsonaro promoveu aglomerações e disseminou conteúdos falsos sobre o vírus e as vacinas, além de atacar jornalistas que cobriam a crise, e autoridades

¹Organização Mundial da Saúde (WHO). (s.d.). COVID-19 Data Table. Recuperado de <https://covid19.who.int/table>.

²The New York Times. (2020, 2 de junho). Coronavirus and Populist Leaders. Recuperado de <https://www.nytimes.com/2020/06/02/briefing/coronavirus-populist-leaders.html?searchResultPosition=99>

³ Como o Brasil se compara a outros países em mortes por Covid, casos confirmados e vacinas aplicadas. Recuperado de <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-por-covid-casos-confirmados-e-vacinas-aplicadas.ghtml>. Acesso em 20 maio de 2022.

⁴ Bolsonaro volta a insinuar que a China teria criado o coronavírus propositalmente. Recuperado de <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/05/bolsonaro-volta-a-insinuar-que-a-china-teria-criado-o-coronavirus-propositalmente.ghtml>. Acesso em 20 de maio de 2022.

⁵ UOL Notícias. (2020, 24 de março). Leia o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro na íntegra. Recuperado de <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra>. Acesso em 24 de março de 2022.

⁶G1. (2020, 24 de março). Casos de coronavírus no Brasil em 24 de março. Recuperado de <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/24/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-24-de-marco>. Acesso em 24 de março de 2022.

do poder judiciário que autorizaram governadores de estados a adotarem medidas de isolamento que o presidente queria impedir. O Supremo Tribunal Federal (STF) foi alvo constante de desinformação estimulada por Bolsonaro, que acusou o tribunal de impedi-lo de governar, quando, na realidade, os juízes apenas reconheceram a competência compartilhada dos entes federados na gestão da crise em suas regiões. De fato, o presidente protagonizou situações que introduziram um clima instabilidade política permanente num contexto sanitário já muito grave (Morais, Costa & Bernardi, 2020). O governo foi bastante hesitante na tomada de iniciativas, criou falsas polêmicas, além de ter recusado ofertas de vacinas ao Brasil, que poderiam ter diminuído as mortes no país, num momento de escassez mundial de imunizantes.

[...] no Brasil, crenças negacionistas disseminadas pelo governo federal levaram à baixa adesão às medidas de isolamento, desvalorização do uso de máscaras, baixa testagem e rastreamento de contactantes, resultando em uma das piores curvas epidemiológicas do mundo, com manutenção de alta média móvel de casos e óbitos por longo período, tornando o país o terceiro em número absoluto de casos registrados e o segundo no *ranking* de óbitos pela doença no mundo (Maciel et al., 2022, p. 952).

Se, de um lado, o negacionismo de lideranças populistas dificultou o enfrentamento da pandemia, por outro, o jornalismo teve um papel importante naquele contexto, como espaço de visibilidade da crise. Diante do fato de as pessoas terem permanecido em casa por mais tempo, a televisão obteve um incremento importante da sua audiência. De acordo com a *Kantar Ibope Media*, o consumo televisivo teve um pico de 76,6% no mesmo dia em que Bolsonaro fizera seu primeiro pronunciamento em rede nacional⁷. As pessoas também pareciam confiar mais na televisão como fonte de informações. Segundo o Instituto Datafolha, os programas televisivos foram considerados os mais confiáveis na divulgação de informações sobre a Covid-19 por 61% dos entrevistados⁸. Como tal, o meio recuperou uma certa centralidade no cotidiano das pessoas, que buscavam informação sobre uma situação sem precedentes em suas vidas. Cabe, no entanto, analisar essa informação, especialmente diante da conjuntura de propagação do negacionismo por parte de agentes políticos centrais do Estado brasileiro, como o próprio presidente da República.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar de que maneira a cobertura jornalística televisiva tratou o tema "Covid-19" e como a postura negacionista de Jair Bolsonaro foi enquadrada no discurso dos *media*. Para compreender a questão, o trabalho analisa a cobertura de dois programas jornalísticos da televisão aberta, com ampla audiência nas noites de domingo: o Fantástico, da TV Globo, e o Domingo Espetacular, da Record TV. Formulamos duas questões de investigação: (i) como se deu a cobertura jornalística da pandemia, em termos de fontes/vozes e de tematização da crise nos dois programas; e (ii) de que forma Bolsonaro foi enquadrado na cobertura?

A opção pelo estudo desses programas televisivos não é aleatória e se relaciona com a hipótese que acompanha a análise. Além da retomada da importância da televisão na pandemia, verificada no aumento da audiência das duas emissoras (Sanches, 2022), a escolha deriva, também, da constatação feita por estudos anteriores, que identificaram um alinhamento da Record TV com o bolsonarismo desde as eleições de 2018 (Porto, Neves & Lima, 2021). Assim, neste trabalho, partimos da hipótese de que o Domingo

⁷Kantar IBOPE Media. (s.d.). A TV em tempos de COVID-19: impactos e mudanças no comportamento da sociedade. Recuperado de <https://www.kantaribopemedia.com/a-tv-em-tempos-de-covid-19-impactos-e-mudancas-no-comportamento-da-sociedade/>. Acesso em 28 de março de 2022.

⁸Folha de S.Paulo. (2020, 27 de março). TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>. Acesso em 28 de março de 2022.

Espetacular, da TV Record, propôs quadros simbólicos sobre a pandemia convergentes com a agenda negacionista de Bolsonaro, mantendo o seu alinhamento ao governo da extrema-direita, enquanto o Fantástico terá apostado numa cobertura crítica à figura do mandatário, vinculando-se à perspectiva das autoridades sanitárias e afastando-se da tradição da TV Globo de apoio a políticos conservadores, sobretudo os de centro-direita, em detrimento do viés anti-esquerda, como se viu ao longo da Nova República (Feres Júnior & Sassara 2016; Albuquerque, 1994; Feres Júnior & Gagliardi, 2019).

Para responder às perguntas e discutir a hipótese, conduzimos uma análise de conteúdo que identificou os temas e as vozes/fontes principais, seguida por uma análise de enquadramento qualitativa dos quadros de sentido mais importantes em um *corpus* 308 matérias jornalísticas. Para a coleta dos materiais, escolhemos meses específicos, que correspondem a momentos relevantes da crise, seja em termos sanitários, seja do ponto de vista político, os quais serão caracterizados adiante.

A estrutura do texto está dividida, para além desta Introdução, em: (i) uma discussão sobre populismo e pandemia e o papel dos *media*, em especial da televisão, na crise; (iii) metodologia, com a descrição da abordagem para analisar o material empírico; (iv) análise e discussões e (v) conclusões.

Populismo e pandemia no Brasil

Em linha com a literatura sobre os populismos contemporâneos, entendemos Jair Bolsonaro como um ator populista de extrema-direita, que se notabiliza pelo ataque sistemático às instituições e a adoção de um discurso moralista no campo dos costumes, de enaltecimento das forças de segurança e de resgate de um passado autoritário, tal como se verifica em outras figuras de extrema-direita ao redor do mundo (Mudde & Kaltwasser, 2017; Mudde, 2022; Norris & Inglehart, 2019). Ainda que o populismo bolsonarista nem sempre se amolde totalmente a categorias presentes em definições clássicas, como a invocação direta do conceito de povo, tal como discutem Feres Júnior, Cavassana & Gagliardi (2023), entendemos que as estratégias temáticas e discursivas adotadas por Bolsonaro mantêm, em muitos aspectos, proximidade com a performance populista de outras figuras da extrema-direita, identificadas como liberais ou autoritárias (Norris & Inglehart, 2019). Um dos elementos de proximidade está na aposta na retórica do caos e da negatividade e numa compreensão antagônica do mundo, que opõe os chamados “cidadãos de bem”, vistos como ímpecáveis, a grupos políticos, chamados de corruptos, ou a intelectuais e camadas vulneráveis da sociedade, que teriam o objetivo de destruir as tradições das “pessoas de bem”.

No caso de certos grupos sociais e mesmo políticos, como em relação às esquerdas, a extrema-direita bolsonarista aposta na depreciação e na desconstrução do outro, que surge como um inimigo a ser combatido, identificado como o responsável — um bode expiatório — para tudo aquilo que o líder afirma não conseguir levar a cabo. Nestes grupos, encontram-se as elites políticas dominantes, as instituições de *accountability*, como o Poder Judiciário e a imprensa, além de elites formadoras de opinião e construtoras de conhecimento, como as universidades, os cientistas, artistas e intelectuais, identificados como elitistas. Também grupos sociais como negros, indígenas, mulheres, população LGBTQIAP+, tendem a figurar como “os outros perigosos” na mecânica populista (Albertazzi & McDonnel, 2008). Desse modo, o populismo da extrema-direita transforma o dissenso comum das contendas políticas num antagonismo anômalo. Como afirma Tormey (2019), esse antagonismo populista é uma ameaça à vida democrática, já que o líder não

reconhece o outro como legítimo integrante do corpo político, mas como um inimigo que ameaça o país e as pessoas (o povo puro). Por outro lado, populistas como Bolsonaro e Trump reivindicam o monopólio da representação popular, anunciando aos seguidores que tudo o que seja contrário a eles deve ser visto como um atentado aos interesses do povo (Mudde, 2022).

Esse tipo de articulação se intensificou na pandemia. Assim, mesmo em temas sanitários de ampla repercussão, ou seja, quando a saúde das populações esteve vulnerável de um modo sem precedentes, dirigentes como Bolsonaro mantiveram a estratégia do antagonismo populista, produzindo um discurso de negação da realidade que estimulou a fabricação de conteúdos desinformativos não apenas para negar a gravidade da doença, mas para atacar mediadores da crise, como jornalistas, instituições globais, como a OMS, e produtores de conhecimento, como cientistas, sanitaristas e intelectuais, acusadas de difundir pânico⁹. A propósito, a circulação de desinformação sobre a Covid-19 levou OMS a apontar a existência de uma infodemia (Freire et al., 2021), capaz de causar prejuízos às estratégias de contenção do vírus. No Brasil, diversos trabalhos analisaram a circulação da desinformação naquele contexto (Paulino e Waisbord, 2021; Alcântara & Ferreira, 2020; Recuero & Soares, 2021).

Ao analisarem a comunicação do ex-presidente no *Twitter*, Paulino e Waisbord (2021) constataram que Bolsonaro agiu como um negacionista, investindo na lógica antagônica própria da política populista, com ataques à imprensa e especialistas. Os autores mostram que o ex-presidente incentivou a população a continuar a vida normalmente, além de desqualificar cientistas, médicos e organizações de saúde, que, na retórica presidencial, eram tidos como “comunistas”. Alcântara e Ferreira (2020), por sua vez, mostram que, já nos primeiros meses da pandemia, o assunto passou a ser enquadrado nas redes com base em posições que refletiam a crise política, instalada, em grande medida, pelo negacionismo presidencial. Também em estudo sobre a circulação da desinformação, Recuero e Soares (2021) identificaram um alinhamento entre o discurso desinformativo sobre supostas curas para a Covid-19 no *Twitter* e o discurso de Bolsonaro.

A postura do ex-presidente e de outros líderes na pandemia foi interpretada por Lasco & Curato (2019, p. 1) como um populismo médico. De acordo os autores, trata-se de “um estilo político baseado numa performance sobre crises de saúde pública que tende a colocar ‘o povo’ (ou as pessoas, o país, a nação) contra o ‘*establishment*’”. Ele contempla quatro elementos: (i) dramatização da crise, o que se verifica nas falas e atitudes do líder; (ii) a fabricação de divisões, para criar oposições com empresas farmacêuticas, órgãos de saúde, jornalistas, institutos de pesquisa, ou pessoas de outras nacionalidades, ideologias, gêneros; (iii) alegações de conhecimentos sobre assuntos técnicos, com a reivindicação do lugar de especialista; e (iv) a simplificação, quando o líder age como se a uma doença tivesse menor gravidade.

Além de desestimular o combate ao vírus, outro efeito perverso do populismo médico de Bolsonaro foi a polarização estimulada em cada uma de suas manifestações. O crescimento da polarização política foi de tal maneira evidente que a discussão pública em torno da pandemia passou a incorporar elementos retóricos da crise política, tal como verificaram Alcântara e Ferreira (2022). O chamado “kit-covid”, composto por medicamentos cuja eficácia jamais se comprovou, como hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina, foi largamente difundido por Bolsonaro, inclusive quando ele próprio se infectou, e estimulado até por médicos, como a oncologista Nise Yamaguchi, cujas prescrições contavam com aval do Ministério da

⁹ Bolsonaro acusa os 'media' de criarem pânico sobre o contágio de assintomáticos. Recuperado de <https://pt.euronews.com/2020/06/09/bolsonaro-acusa-os-media-de-criarem-panico-sobre-o-contagio-de-assintomaticos>. Acesso em 28 de março de 2022.

Saúde¹⁰. O Conselho Federal de Medicina (CFM), órgão que normatiza a medicina no Brasil, chegou a defender que os médicos teriam autonomia para receitar as medicações que entendessem no tratamento da doença¹¹.

Com efeito, a retórica negacionista presente no populismo médico de líderes altamente populares para parcelas da população, como Bolsonaro e Trump, atingiu a relação entre médicos e pacientes, como um desdobramento da politização da crise (Casarões & Magalhães, 2021). Todo esse estado de coisas levou a oposição, no Congresso Nacional, a criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), para investigar as ações e omissões do governo. A CPI funcionou durante os meses de abril e outubro de 2021, concluindo que Bolsonaro e vários de seus auxiliares teriam cometido diversos crimes tipificados na legislação brasileira, como prevaricação, charlatanismo, infração a medidas sanitárias e outros¹².

Os *media* na crise: o papel da televisão

Em todos esses momentos, os *media* tradicionais tiveram um papel relevante na prestação de informações sobre a pandemia, mas entraram em conflito com segmentos do governo e com o próprio presidente. Os dados oficiais divulgados diariamente ao final da tarde viraram objeto polêmico, quando o governo alterou o modo de contabilizar os infectados e os óbitos e atrasou a sua divulgação, alterando para as 22h o boletim diário do Ministério da Saúde. Bolsonaro chegou a sugerir, em tom de deboche, que a decisão visava acabar com as reportagens do Jornal Nacional (JN), da TV Globo, o principal telejornal do país, que vai ao ar às oito da noite, e vinha fazendo uma cobertura extensa da crise¹³. Em resposta, veículos do Grupo Globo e de outras empresas jornalísticas se reuniram em consórcio para obter os dados diretamente com as secretarias de saúde dos estados e manter a divulgação diária, alheia aos dados do governo. Foi o que ficou conhecido como o consórcio dos veículos de imprensa, que funcionou de junho de 2020 a janeiro de 2023. A Record não se associou ao consórcio, mantendo os dados do Ministério da Saúde.

É significativo que o alvo de Bolsonaro tenha sido exatamente a TV Globo, cujo programa *Fantástico* analisamos neste estudo. De fato, ao longo da crise, o presidente protagonizou cenas de ataque a jornalistas da imprensa *mainstream*, chamados por ele de “urubus”¹⁴. Com isso, em face do aumento da audiência das televisões e, portanto, da ampla visibilidade da pandemia, com a exposição do desrespeito às medidas sanitárias por parte do presidente, jornalistas de grandes veículos passaram a ser alvos ainda mais intensos do bolsonarismo. De todo modo, é importante mencionar que o presidente e seus apoiadores utilizavam as

¹⁰ Estado de Minas. Quem é Nise Yamaguchi, defensora da cloroquina para tratamento da COVID-19. Recuperado de https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/11/interna_politica,1265392/quem-e-nise-yamaguchi-defensora-da-cloroquina-para-tratamento-da-covid-19.shtml. Acesso 5 janeiro de 2023.

¹¹ CFM volta a defender autonomia de médicos para prescrever hidroxiquina contra Covid-10. Recuperado de <https://www.camara.leg.br/noticias/823744-cfm-volta-a-defender-autonomia-de-medicos-para-prescrever-hidroxiquina-contra-covid-19/>. Acesso em 5 de janeiro de 2023.

¹² Senado Federal. (2021, 20 de outubro). Com nove crimes atribuídos a Bolsonaro, relatório da CPI é oficialmente apresentado. Recuperado de <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/com-nove-crimes-atribuidos-a-bolsonaro-relatorio-da-e-oficialmente-apresentado>. Acesso em 5 de janeiro de 2023.

¹³ Acabou matéria no JN, diz Bolsonaro sobre atraso nos dados da Covid-19. Recuperado de <https://www.poder360.com.br/midia/acabou-materia-no-jn-diz-bolsonaro-sobre-atraso-nos-dados-da-covid-19/>. Acesso em 6 de março de 2023.

¹⁴ Não cheguei à Presidência para perder para esses urubus, diz Bolsonaro em novo ataque à imprensa. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/nao-cheguei-a-presidencia-para-perder-para-esses-urubus-diz-bolsonaro-em-novo-ataque-a-imprensa.shtml>. Acesso em 5 de fevereiro de 2023.

plataformas de *media* sociais para disseminar conteúdos falsos sobre a crise, mas também contavam com a colaboração de setores do sistema mediático tradicional, claramente alinhados à extrema-direita.

Um dos casos mais emblemáticos é o do grupo Jovem Pan, que manteve um alinhamento direto ao bolsonarismo ao longo de todo o governo e, na pandemia, veiculou posições anti-ciência que interessavam ao discurso político do presidente. Chagas e Cruz (2021, p. 16), ao analisarem a cobertura sobre a vacinação no programa *Os Pinto nos Is*, da rádio Jovem Pan, identificaram a reprodução de discursos antivacina, concluindo que, na posição de comentaristas do programa, observa-se o “[...] o reforço e a naturalização de pseudofatos e mentiras com o interesse de defender as políticas bolsonaristas”.

Retomando o papel da televisão aberta, como já referimos, verificamos um incremento da sua importância na disseminação de informações sobre a pandemia. De acordo com Renault (2020), quando o mundo desacelerou devido ao isolamento social, o jornalismo e a medicina foram extremamente cobrados pela sociedade por resultados sobre o combate da Covid-19. Essa cobrança pôde ser notada sobretudo pelo aumento do interesse dos públicos pelos conteúdos televisivos, incluindo os telejornais. No período, a TV Globo chegou a atingir a maior média de audiência da década para o seu principal telejornal¹⁵.

Em estudo realizado nos Estados Unidos, Casero-Ripollés (2020) argumenta que a Covid-19 produziu, assim, um ressurgimento dos *media* tradicionais, especialmente da televisão, e a reconexão noticiosa de cidadãos antes afastados da cobertura. Já Cabrera, Martins e Cunha (2020) vão na mesma direção. Ao estudarem a cobertura nas televisões portuguesas, as autoras argumentam que, com as pessoas em casa, a cobertura televisiva se converteu num elo social em torno dos assuntos da crise. Justamente por causa do aumento da centralidade da televisão na pandemia, observado também no contexto brasileiro, é relevante analisar e questionar como esses veículos lidaram com as circunstâncias da crise, especialmente em contextos como o do Brasil, marcado pela ação negacionista do governo central.

É preciso, por exemplo, observar eventuais diferenças e nuances na cobertura, considerando as posições editoriais dos veículos. Isso porque, se, de um lado, os *media* podem atuar como instâncias democráticas, como sugere a teoria liberal, por outro, como advertem diversos autores, eles podem agir como normalizadores de perspectivas populistas em torno de temas e agendas (Mazzoleni, 2008; Kramer, 2004). Ao mencionarmos o caso Jovem Pan, fica evidente que também em assuntos de saúde pública, os *media* podem reproduzir e amplificar discursos populistas.

Assim, em estudo sobre a cobertura das eleições de 2018 no principal telejornal da Globo e da Record, Porto, Neves e Lima (2021) identificaram um viés pró-Bolsonaro na cobertura do Jornal da Record. Os autores sugeriram um alinhamento da emissora com o bolsonarismo, de propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus, cujo líder declarou apoio a Bolsonaro, como outras lideranças desse segmento religioso, onde Bolsonaro obteve maioria de votos, em 2018 e 2022. Além disso, argumentam que aquelas eleições evidenciam uma crise hegemônica mais profunda, “caracterizada por alterações importantes no papel historicamente desempenhado pela Rede Globo na política brasileira” (p. 5).

É que o Grupo Globo tradicionalmente se alinhou a lideranças conservadoras, mantendo uma posição adversária em relação ao PT e às esquerdas ao longo de diversos contextos eleitorais da Nova República. No entanto, ante a emergência do bolsonarismo e diante do extremismo do seu líder, os veículos do grupo

¹⁵ Com mais TVs ligadas por coronavírus, Jornal Nacional tem maior ibope desde 2011. Recuperado de <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/com-mais-tvs-ligadas-por-coronavirus-globo-dispara-e-massacre-concorrenca-34656>. Acesso em 8 de janeiro de 2023.

passaram, a partir de um certo momento, a assumir posição crítica à figura do mandatário, embora o mesmo não possa ser dito em relação à ala econômica do governo, então representada pelo economista neoliberal Paulo Guedes. Importante mencionar ainda que, nas primeiras eleições presidenciais da Nova República, a TV Globo exerceu um papel de relevo na construção da imagem pública de um ator igualmente populista, embora distinto do traço autoritário bolsonarista. Trata-se de Fernando Collor de Mello que, nas eleições de 1989, contou com uma cobertura altamente positiva da emissora, contrária ao Partido dos Trabalhadores. Collor teve a imagem associada à de um Caçador de Marajás, celebrado na imprensa como alguém lutaria contra a corrupção, até a instauração do processo que viria a cassar o seu mandato em 1992 e para o qual a própria imprensa contribuiu (Palha, 2013).

Na pandemia, importa investigar melhor como ambas as emissoras repercutiram a crise, com especial relevo para a construção da imagem do ex-presidente. Com efeito, se as televisões foram fontes confiáveis no período, pode-se argumentar, com Casero-Rapollé (2019), que tais veículos reafirmaram a sua relevância no sistema de *media*, exigindo-se, por isso mesmo, novos esforços analíticos que explorem como esses canais interpretaram a crise, especialmente na sua relação com o populismo.

Metodologia

Retomando o objetivo do trabalho, analisamos a cobertura da pandemia em dois programas jornalísticos da televisão brasileira: o Fantástico, da TV Globo, e o Domingo Espetacular, da Record TV. Buscamos identificar os temas e as fontes que compõem as vozes da cobertura, bem como os enquadramentos construídos pelos dois telejornais para interpretar as ações de Jair Bolsonaro. Partimos da hipótese de que o Domingo Espetacular manteve o alinhamento da Record TV ao bolsonarismo também na pandemia, produzindo uma cobertura acrítica em relação ao presidente e vocalizando posições convergentes com a agenda negacionista do governo, ao passo que a TV Globo adotou postura bastante distinta, com a produção de críticas diretas às ações de Bolsonaro na crise.

Para tal, selecionamos cinco momentos significativos da evolução da crise no Brasil: [i] abril de 2020, quando ocorre uma subida exponencial do número de infectados e mortos, pouco mais de um mês após a primeira infecção; [ii] agosto de 2020, quando o Brasil somou 100 mil mortos por Covid-19; [iii] janeiro de 2021, período marcado pelo colapso na saúde de Manaus, onde a falta de oxigênio levou ao desespero de famílias nas portas dos hospitais da cidade; [iv] maio de 2021, quando foi instalada a CPI da Covid-19, que teve papel importante no debate nacional da crise; e [v] outubro de 2021, quando a CPI finalizou os trabalhos e indiciou diversas autoridades, incluindo o ex-presidente, pela prática de crimes na pandemia. Os cinco momentos compreendem, temporalmente, as fases mais dramáticas da crise no país.

O *corpus* de análise foi constituído após assistirmos, de forma sistemática, todas as edições veiculadas no período, no Globo Play e Play Plus, os aplicativos de *streaming* da TV Globo e da Record TV, respectivamente. A coleta resultou num *corpus* de 93 matérias sobre a pandemia no Domingo Espetacular, e 215 conteúdos no Fantástico, divididos em diferentes gêneros do telejornalismo. O Fantástico e o Domingo Espetacular são dois programas jornalísticos da televisão aberta brasileira, com audiências que, em conjunto, capturam a larga maioria dos lares nas noites de domingo. Os programas possuem um formato atraente para o público, apresentando informações combinadas com conteúdos de entretenimento. Todavia, a relação entre os

temas é bastante distinta em ambos. O Fantástico, apresentado por Maju Coutinho e Poliana Abrita, além de um forte investimento em temas de política e economia, tende a exibir conteúdos de esportes, de cultura e partes de documentários com formato de séries exibidas ao longo de várias edições, sobre diferentes temas. Já o Domingo Espetacular, ancorado por Carolina Ferraz e Eduardo Ribeiro, em que pese dar importância a temas da atualidade política, foca, sobretudo, em casos que despertam curiosidade, como histórias de interesse humano, insólitas, em conteúdos sobre crimes e a vida privada de artistas.

Para analisar os materiais, adotamos uma estratégia quanti-qualitativa que combina análise de conteúdo com análise de enquadramento. Num primeiro momento, a análise de conteúdo das matérias permitiu a sistematização dos temas e a identificação das vozes/fontes principais da cobertura. O processo de codificação dos materiais se deu em duas variáveis — tema e fontes — cujas definições descrevemos nas Tabelas 1 e 2, a seguir.

Tabela 1: Definição das categorias temáticas das matérias jornalísticas dos telejornais.

Tema das reportagens	Definição
Cuidados	Matérias sobre medidas de biossegurança e outros cuidados na crise.
Solidariedade	Relatos de doações feitas por artistas, empresas, igrejas, ONGs e outros entes a instituições ou pessoas vulneráveis na crise.
Histórias de vida	Histórias de interesse humano na crise: recuperados, mortos pela doença, profissionais de saúde ou pessoas/grupos vulneráveis.
Covid em outros países	Impacto da pandemia em outros países.
Brasileiros no exterior	Histórias de brasileiros no exterior durante a crise.
Estudos científicos	Estudos científicos publicados ao longo da crise.
Dados da Covid-19	Informações sobre números da crise no Brasil e no mundo.
Economia	Impactos da crise sobre a economia nacionais e em outros países.
Críticas	Matérias focadas em críticas aos diversos atores da crise.
Mortes	Mortes causadas pela doença a partir dos seus impactos sobre os sistemas de saúde e ausência de cuidados.
Vacinação	Informações sobre as vacinas e o processo de vacinação.
Crise em Manaus	A crise extrema na saúde pública de Manaus.
CPI da Covid-19	Trabalhos da comissão parlamentar que investigou ações e omissões do governo federal na pandemia.
Outros	Materiais não enquadráveis nas categorias anteriores.

Fonte: Os autores.

As fontes foram identificadas e agrupadas em categorias que mostram a posição social das vozes da cobertura. A Tabela 2 descreve esses grupos.

Tabela 2: Codificação das fontes/vozes na cobertura

Fontes	Definição
Institucional	Instituições da sociedade civil, organizações internacionais, agências, movimentos sociais, centrais sindicais, agências.
Oficial/Governamental	Integrantes do governo, detentores de cargos eletivos, com atuação nas diferentes esferas do Estado.
Pessoas comuns	Pessoas desconhecidas, populares que integram a cobertura na condição de vítima da crise, incluídos pacientes e testemunhas.
Especialistas	Profissionais/técnicos especializados em assuntos específicos, como cientistas, médicos e outros. Incluem-se os profissionais de saúde.
Notáveis	Personalidades, pessoas famosas, nacionais e internacionais.
Líderes religiosos	Líderes de igrejas e movimentos religiosos.
ONGs	Pessoas/grupos ligados a organizações não-governamentais.
Diretores de institutos	Dirigentes de institutos científicos ou de pesquisa de opinião pública.
Pesquisas de opinião	Quando a fonte deriva de pesquisas de opinião pública.

Fonte: Elaboração própria.

No segundo movimento, baseados numa análise de enquadramento, mapeamos os principais quadros interpretativos propostos pelos programas na sua interpretação de Jair Bolsonaro na pandemia. As pesquisas sobre enquadramento têm sido profícuas em demonstrar a efetividade desse método para analisar os eixos interpretativos construídos pelos *media* na composição da agenda pública. Neste texto, adotamos a compreensão de Entman (1993) sobre o conceito de enquadramento, transformado em operador analítico para a nossa análise. Segundo o autor, os quadros mediáticos verificam como a realidade é percebida nos *media* em termos de problemas, causas e consequências, avaliações morais e soluções (Entman, 1993). Por meio de um trabalho de engendramento de sentidos, para o qual a imagem, no caso da televisão, possui um lugar central, os *media*, ao enquadrarem a realidade, ofertam aos públicos caminhos de interpretação dos tópicos que compõem a agenda pública, podendo ter um impacto importante na configuração de climas de opinião sobre determinados assuntos públicos. Ainda que esse processo não aconteça de forma direta, estudos mostram que os quadros simbólicos propostos pelos *media* podem interferir no entendimento de certas questões, podendo, inclusive, nos casos que envolvam o populismo, servir como mecanismo de normalização do discurso populista por meio de enquadramentos de atribuição de culpa às elites (Hameleers, Bos & Vreese (2017). Assim, observar como dois importantes programas jornalísticos cobriram uma crise de saúde pública, estrategicamente politizada pela extrema-direita, mostra-se como tema relevante para os estudos sobre o papel dos *media* no enquadramento do populismo. A seguir, apresentamos e discutimos os dados do estudo empírico.

Análise e Discussão: Bolsonaro e a pandemia no *Fantástico* e no *Domingo Espetacular*

A cobertura da pandemia: temas e vozes

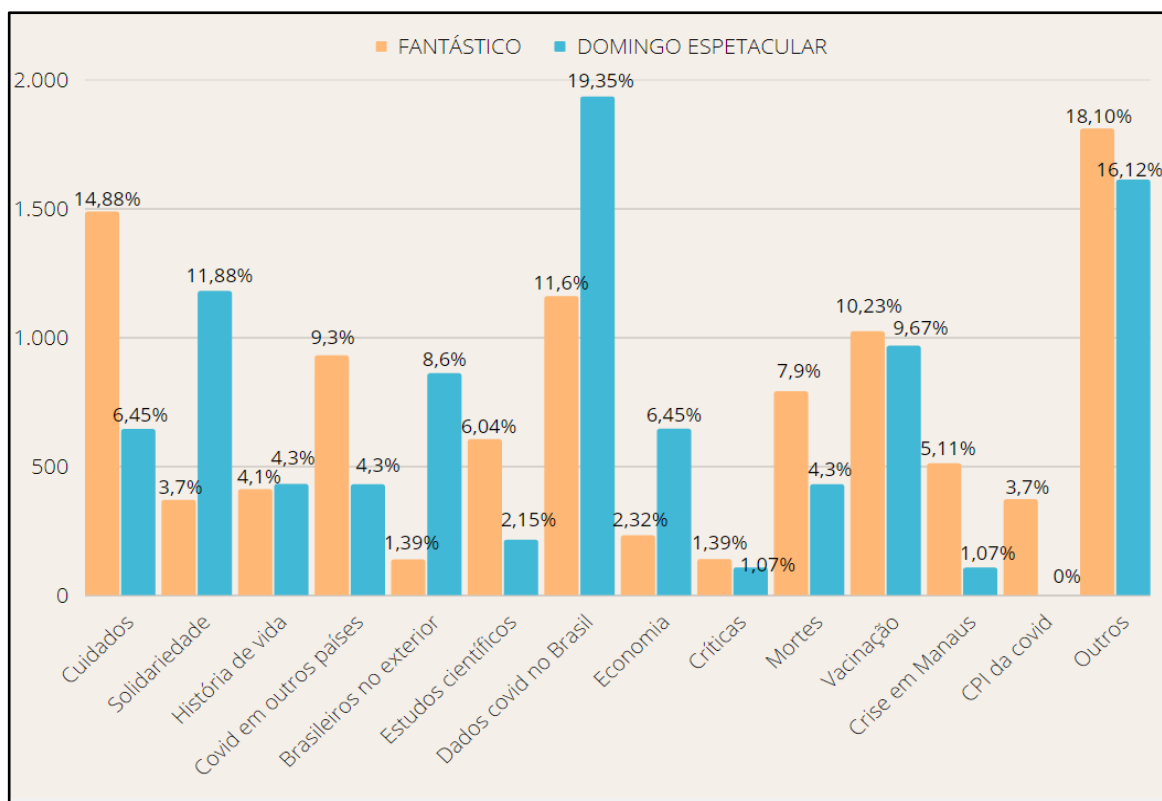
Desde o início da pandemia, o *Fantástico* e o *Domingo Espetacular* passaram a cobrir a crise da Covid-19 com atualizações semanais sobre a doença. Em ambos, foram apresentadas informações regulares sobre número de mortes, infectados e a média móvel de dados por estado da federação. Houve, no entanto, diferenças na visibilidade conferida à pandemia pelos dois programas. Enquanto o *Fantástico* divulgou dados em todas as edições do período analisado, o *Domingo Espetacular* optou por não os divulgar em algumas edições, o que mostra, desde logo, uma variação da relevância do tema no telejornal da Record TV.

Como pudemos observar, até pelo número de materiais coletados, ambos os programas cobriram a pandemia com diferença assinalável no número de conteúdos, o que incide sobre a visibilidade do tema. O programa da Record TV, do qual coletamos 93 matérias, ante os 215 conteúdos do *Fantástico*, possui duas edições, no mesmo período, nas quais não se abordou nenhum aspecto da pandemia, em plena atividade no país. Chama a atenção que o silenciamento tenha ocorrido na edição de 10 de janeiro de 2021, semana em que o Brasil atingiu o número de 200 mil mortes pela doença. A segunda edição da Record sem mencionar a pandemia foi a de 17 de outubro de 2021, quando a CPI instalada no Congresso Nacional se encaminhava para o final, com um relatório que atribuía uma série de crimes a Jair Bolsonaro. Em ambos esses dias, o *Fantástico*, por outro lado, veiculou 10 conteúdos.

A diferença no número de materiais coletados também pode se explicar pelas rotinas de produção e práticas de cada programa: o *Fantástico* apresenta uma variedade maior de gêneros jornalísticos (VTs, notas cobertas e notas peladas), promovendo uma cobertura mais fragmentada, o que torna o assunto mais presente ao longo da edição. Já o *Domingo Espetacular* apresenta um padrão de reportagens bem maiores (VTs completos), com tempo médio de 10 a 13 minutos de duração. Ao contrário do que se poderia supor, essa opção não significa, necessariamente, uma maior atenção do programa ao tema. A concentração do assunto num único bloco do programa, ao revés, pode gerar uma desmobilização da visibilidade, tornando-o assunto mais um entre os diversos outros abordados na edição. A fragmentação dos conteúdos e a sua inserção em diferentes momentos, opção feita pelo *Fantástico*, colabora para manter uma atenção contínua sobre o tema, com o índice de visibilidade alto perante as audiências.

Passando à variável de tematização, como mostra o Gráfico 1, salientamos que a categoria "outros", que aparece com alto índice de ocorrência, engloba temas não enquadráveis nas demais categorias. Vamos destacar, neste espaço, os cinco temas com maior visibilidade e os cinco menos destacados por cada programa no período da análise. No *Fantástico*, as cinco temáticas de maior visibilidade foram: cuidados (14,88%), dados da covid no Brasil (11,6%), vacinação (10,23%), covid em outros países (9,30%) e mortes (7,9%). Já o *Domingo Espetacular* destacou: dados da covid no Brasil (19,35%), solidariedade (11,88%), vacinação (9,67%), brasileiros no exterior (8,60%), economia e cuidados (6,45%, cada uma).

Gráfico 1: Principais temas da pandemia de Covid-19 no Fantástico e no Domingo Espetacular



Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos temas que menos chamaram do Fantástico, estão: brasileiros no exterior, críticas (com 1,39% cada), solidariedade, CPI da covid (com 3,7% cada) e economia (2,3%). Já no Domingo Espetacular, os temas que menos apareceram foram: CPI da covid (com 0% de ocorrência no período), crise em Manaus, críticas (com 1,07% cada um), estudos científicos (2,15%) e mortes (4,3%).

A comparação dos temas entre os telejornais, observadas as saliências e os apagamentos verificados, chama a atenção em diversos aspectos. O Fantástico destacou os cuidados necessários para combater o vírus, entre os quais estão o distanciamento social e os cuidados higiênicos, questões relativas à vacinação, à pandemia em outros países, além de conferir centralidade às mortes, demonstrando a gravidade da crise, em clara divergência com a perspectiva negacionista do bolsonarismo. De outra parte, o Domingo Espetacular enfatizou os dados sobre a doença no Brasil, mostrou diversas ações de solidariedade, em sua maior parte ligadas a iniciativas da Igreja Universal do Reino de Deus, proprietária da emissora, abordou a vacinação, as dificuldades de brasileiros fora do país e a economia, criando, no caso dessa última, uma conexão evidente com o discurso do governo, segundo o qual a economia não poderia parar por causa da pandemia. Neste último ponto, temos uma conexão com as divisões forjadas de quem falam Lasco e Curato (2019) em sua definição de populismo médico.

Por outro lado, quando observamos, qualitativamente, o tema "dados da Covid-19 no Brasil" no Domingo Espetacular, verificamos que o programa da Record TV passou a atualizar, a partir de 26 de abril de 2020, o número de recuperados da doença, depois que o Ministério da Saúde também passou a fornecer esse

dado, numa estratégia classificada de negacionista¹⁶. Segundo especialistas no tema, quando ocorre a divulgação do número de recuperados junto ao de mortos — como a primeira taxa é muito maior, por causa do nível de letalidade do vírus — poder-se-ia passar a ideia enganosa de que a doença seria menos grave e que estaria controlada no país. Também por isso, os números do governo passaram a ser objeto de contestação por alguns veículos, o que os levou a se organizarem para obtenção dos dados diretamente com as secretarias estaduais de Saúde, como já referimos.

Igualmente interessante é observar os temas menos visíveis, ou totalmente silenciados, em ambos os programas. Como mostram os estudos de enquadramento, aquilo que se destaca ou também o silenciamento acerca de certos temas ou aspectos da realidade importam na constituição dos sentidos propostos sobre determinado assunto (Entman, 1993). Enquanto o Fantástico destacou a gravidade da crise em termos de impactos sobre a saúde pública — *vide* os temas “dados”, “covid em outros países” e “mortes” — preocupou-se menos com aspectos relativos à economia, que aparecem na cobertura, mas não com a centralidade com que surgiram na Record TV. O Domingo Espetacular silenciou, completamente, acerca dos trabalhos da CPI da Covid, sem nenhuma menção ao tema nos meses analisados. Como se viu, a CPI representou um momento de grande desgaste para a imagem pública do governo e de Jair Bolsonaro, sem nenhum espaço de visibilidade no principal programa jornalístico da Record TV aos domingos, outro dado revelador de uma cobertura alinhada à agenda governamental, crítica da CPI.

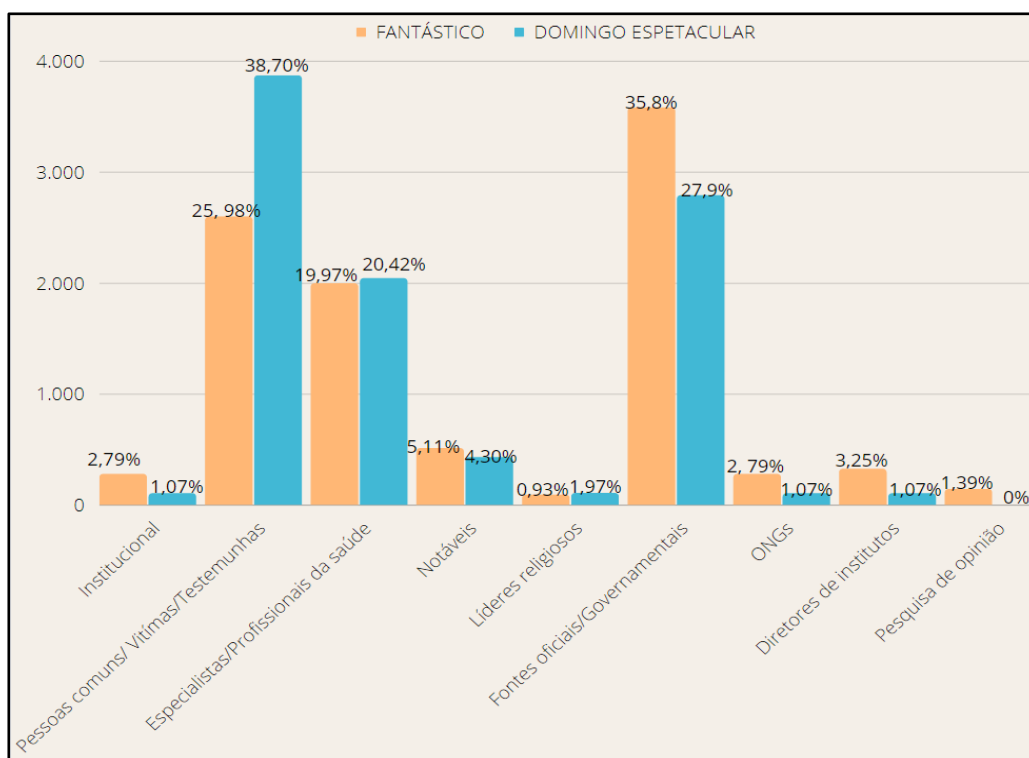
Com efeito, esse apagamento significa bastante no contexto desta pesquisa, já que a CPI expôs diversas omissões do governo federal. Não mostrar esses trabalhos pode realmente sugerir um movimento deliberado de alinhamento a Bolsonaro, que agiu para deslegitimar os trabalhos dos parlamentares, tendo chamado a CPI de “comissão da palhaçada”¹⁷. Ao contrário da Record, na Globo, o Fantástico produziu oito reportagens sobre a CPI. A cobertura da emissora foi detalhada: apresentaram-se bastidores durante os intervalos das sessões, os depoentes, conversas com os membros da comissão. Além disso, a Globo deu bastante destaque ao depoimento do representante da empresa Prevent Sênior, no qual se falou de suposto uso de idosos como cobaias de tratamentos ineficazes, entre os quais o “kit covid”, que surge na cobertura da Record TV como solução. Também em sentido oposto ao do Fantástico, o Domingo Espetacular produziu poucos conteúdos sobre as mortes e quase não tematizou a crise em Manaus, outro momento muito negativo para o governo, ante a sua inépcia para impedir a falta de oxigênio na cidade da região amazônica.

As fontes das matérias são também dados importantes para compreender como as emissoras organizaram a cobertura, com evidências que esclarecem as vozes legitimadas na crise. O Gráfico 2 mostra que houve pouca variável na seleção das fontes em ambos os programas. No Fantástico, a maior parte das vozes veio de fontes oficiais (35,80%), sobretudo de instituições do governo, seguida de “pessoas comuns/vítimas/testemunhas” (25,98%) e especialistas/profissionais de saúde (19,97%).

¹⁶ G1. (2020, 10 de agosto). Por que número de recuperados não indica sucesso na luta contra pandemia do coronavírus. Recuperado de <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/10/por-que-numero-de-recuperados-nao-indica-sucesso-na-luta-contr-pandemia-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em 5 de janeiro de 2023.

¹⁷ O Globo. (2023, 5 de janeiro). Após aprovação de relatório, Bolsonaro chama CPI da COVID de “palhaçada”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/apos-aprovacao-de-relatorio-bolsonaro-chama-cpi-da-covid-de-palhacada-1-25253668>. Acesso em 5 de janeiro de 2023.

Gráfico 2 - Principais fontes da cobertura no Fantástico e no Domingo Espetacular



Fonte: elaboração própria.

No Domingo Espetacular, pessoas comuns/vítimas/testemunhas (38,70%) foram as mais ouvidas, seguidas de fontes oficiais/governamentais (27,90%) e especialistas/profissionais da saúde (20,42%). Uma análise preliminar, baseada apenas nos números quantitativos da variável “fonte” poderia fazer pensar que ambos os programas tiveram posturas quase semelhantes no processo de escolha das vozes da crise. Porém, uma análise mais detida do conteúdo coletado revela diferenças significativas e remetem para a já mencionada politização da crise, como observaram Alcântara & Ferreira (2022) ou Casarões & Magalhães (2021). Trata-se do recurso a certas vozes para a veiculação de posições potencialmente legitimadoras de um discurso negacionista que propagandeou medidas terapêuticas sem comprovação científica.

Nesse sentido, o Domingo Espetacular, ao contrário do Fantástico, não só veiculou matérias sobre a hidroxiquina, como ouviu médicos, identificados como especialistas no assunto. Na categoria de “especialistas”, foram codificadas figuras como a médica Nise Yamaguchi, uma das principais defensoras do “kit covid”, que se tornou conselheira de Bolsonaro. No dia 12 de abril de 2020, o programa da Record exibiu reportagem na qual a médica fala da suposta ação profilática da medicação. Isso aconteceu não apenas no Domingo Espetacular: Yamaguchi, depois ouvida na CPI por propagar medicação sem comprovação científica¹⁸, participou da programação da emissora em outras ocasiões, sempre com a defesa

¹⁸ Estudo constata ineficácia de cloroquina e hidroxiquina contra Covid-19. Recuperado de <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/estudo-constata-ineficacia-de-cloroquina-e-hidroxiquina-contra-covid-19/>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

da eficácia da cloroquina “nas fases iniciais” da doença, o que jamais se comprovou verdadeiro¹⁹. Esses dados revelam que o discurso desinformativo sobre supostas curas e tratamentos, identificados por Recuero e Soares (2021) no Twitter, deslizaram também para o campo dos *media* tradicionais, o que é bastante revelador do papel político que esses meios também possuem na disseminação do populismo negacionista na pandemia.

Enquadramentos de Bolsonaro no Fantástico e no Domingo Espetacular

Seguindo para a análise qualitativa dos enquadramentos, nos 308 materiais analisados, Jair Bolsonaro aparece 24 vezes no Fantástico e 9 vezes no Domingo Espetacular, tanto em vídeos como em fotos, ao longo do período de cinco meses estudados. A maior visibilidade do presidente ocorre na Globo, mas em contextos de crítica à sua postura. Já no Domingo Espetacular, a imagem do mandatário em assuntos sobre a Covid-19 aparece em menos da metade das vezes e é exposta com cautela: das nove situações em que sua imagem é exibida no programa, duas são em matérias de manifestações de apoio ao governo, sem críticas às aglomerações promovidas pelo presidente. Em seguida, identificamos os enquadramentos predominantes sobre Bolsonaro em ambos os programas. A Tabela 3 apresenta uma comparação dos três quadros simbólicos mais presentes em cada programa no período analisado.

Tabela 3: Enquadramentos sobre Bolsonaro na crise, por programa televisivo

FANTÁSTICO (TV Globo)	DOMINGO ESPETACULAR (Record TV)
Discursos anti-ciência/negacionismo	Enaltecimento da cloroquina e do “tratamento precoce”
Desrespeito às medidas de prevenção	Relativização da gravidade da doença
Impactos sobre o sistema de saúde e destaque à CPI da Covid-19	Dualidade saúde x economia

Fonte: Elaboração própria.

Observando os dados do Domingo Espetacular, um exemplo do enquadramento “Enaltecimento da Cloroquina e do ‘tratamento precoce’” se dá na já mencionada edição de 12 de abril de 2020, quando o programa exibiu a reportagem “Coronavírus: Cloroquina ajuda na cura”, com 13 minutos e 20 segundos, na qual se afirmava que a cloroquina seria uma aliada no tratamento do coronavírus. Apesar de a matéria mostrar que o remédio ainda está em estudo, buscou pacientes que foram supostamente tratados com o medicamento, além de ouvir outros médicos que apoiavam o seu uso, mesmo sem a devida comprovação científica. Na reportagem, há um evidente desequilíbrio de opiniões entre os entrevistados; enquanto oito pessoas dão opiniões positivas sobre o remédio, apenas duas falam sobre a pesquisa ainda em andamento, apesar de também recomendarem a cloroquina. Aqui, novamente ressaltamos que as opções editoriais e o

¹⁹ RecordTV. (2022, 9 de junho). Dr. Nise Yamaguchi fala sobre o uso da cloroquina na fase inicial do tratamento contra a COVID-19. Recuperado de <https://recordtv.r7.com/videos/dr-nise-yamaguchi-fala-sobre-o-uso-da-cloroquina-na-fase-inicial-do-tratamento-contra-a-covid-19-09062022>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

enquadramento do programa sobre o tema reforçam um discurso desinformativo. Este é, geralmente, identificado nas redes sociais, mas, como se verifica, surge também no campo do jornalismo, sob a forma, muitas vezes, da prática de escuta dos dois lados — como se, numa matéria de saúde pública, tal como discutido por Chagas e Cruz (2021), pudesse haver espaço para posições anti-ciência ou, nos termos de Lasco e Curato (2020), para o populismo médico.

É verdade que os testes de possíveis medicações foram tema no Fantástico no mesmo dia, numa reportagem de 7 minutos e 39 segundos. No entanto, o enquadramento dado foi bastante distinto. Com a ajuda de animações, foram mencionadas as fases em que o medicamento teria de ser aprovado para que pudesse se tornar um aliado contra o vírus. Ressaltou-se, portanto, a fase inicial de estudos. Houve, ainda, outra reportagem sobre o mesmo tema, em 19 de abril de 2020, acerca de estudos em andamento, mas em nenhuma das situações o programa mencionou o nome do remédio, talvez para evitar que as pessoas o comprassem nas farmácias antes de a eficácia ser comprovada, como aconteceu no curso da crise.

Já no enquadramento “Relativização da gravidade da doença”, na Record TV, destacamos os conteúdos com ênfase nos recuperados da doença. Como já referimos, essa atitude pode ser interpretada como uma tentativa de minimizar a crise, na medida em que cria falsas impressões sobre a evolução da pandemia. O último enquadramento que destacamos foi a “Falsa dualidade saúde x economia”, perspectiva que identificamos em matérias que colocaram um peso bastante maior sobre os impactos econômicos da crise, em vez de realçarem o seu impacto sobre o sistema de saúde. Assim, em vez de apostarem em quadros de sentido relacionados à necessidade de as pessoas manterem o distanciamento, o programa da Record apresentou conteúdos que exploraram a mesma dicotomia presente no discurso do então presidente. Bolsonaro chegou a popularizar uma expressão, repetida por vários de seus apoiadores, para classificar quem ele identificava como seus adversários: ‘o pessoal do fica em casa, a economia a gente vê depois’, repetida, em diversas ocasiões, inclusive nas lives semanais, como forma de responsabilizar aqueles que davam ênfase aos *lockdowns* e ao distanciamento social como responsáveis pelos impactos econômicos²⁰. Aqui também estamos diante de uma categoria chave do populismo pandêmico, qual seja a construção de uma divisão estrategicamente forjada, como mencionado por Lasco e Curato (2020).

Já na TV Globo, o Fantástico produziu enquadramentos sobre Bolsonaro bastante distintos dos da Record TV. O quadro “Desvalorização e negacionismo da pandemia” está presente em reportagens que destacam a insensibilidade do presidente, explorando imagens das aglomerações promovidas por ele ou cenas em que ele minimizou os impactos da doença. Com efeito, ao longo dos meses, o Fantástico enquadró o presidente como um negacionista disposto a criar o caos e aprofundar a tragédia nacional. Um dos momentos em que vemos reforçada essa ideia é na edição de 9 de agosto de 2020, quando o médico Drauzio Varella aponta os erros das autoridades na crise. O nome de Bolsonaro não é mencionado, mas o médico fala de “autoridade máxima” do país, o que, por inferência, percebe-se serem as ações do presidente. Ao contrário do Domingo Espetacular, o Fantástico adota tom bastante crítico, chamando a atenção para as contradições do presidente em relação às orientações da ciência. O segundo enquadramento destacado no Fantástico é “Desrespeito às medidas de prevenção”. Aqui, englobamos as matérias sobre aglomerações promovidas pelo ex-presidente, com destaque para o fato de ele não usar máscara. Já as matérias que focaram nos

²⁰ Bolsonaro usou a expressão “fica em casa, a economia a gente vê depois” em mais de metade das lives na pandemia. Recuperado de <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-usou-expressao-fica-em-casa-economia-gente-ve-depois-em-mais-da-metade-das-lives-na-pandemia/> Acesso em 8 de jan 2023.

fortes impactos sobre o sistema de saúde e na situação em Manaus deram origem ao enquadramento "Impactos sobre o sistema de saúde e destaque à CPI da Covid-19".

Em 25 de maio de 2021, ao cobrirem uma motocicleta promovida por Bolsonaro, dentre as diversas outras promovidas por ele ao longo da crise, com a formação de grandes aglomerações, os programas produziram quadros bem distintos. O Fantástico enfatizou a contradição entre a postura do presidente e a legislação municipal que pretende combater o vírus da Covid-19 e impedia as aglomerações; o Domingo Espetacular, por seu turno, silenciou quanto a esses aspectos, destacando o tamanho da manifestação, numa estratégia de construção da legitimidade popular do presidente.

Considerações finais

Este trabalho analisou a cobertura da pandemia de Covid-19 nos dois principais programas jornalísticos da televisão brasileira aos domingos, o Fantástico, da TV Globo, e o Domingo Espetacular, da Record TV. Ambas as emissoras verificaram um aumento importante de suas audiências na pandemia, num movimento de recuperação da relevância da televisão na cobertura de crises como a da Covid-19, tal como documentaram outros estudos em diferentes países (Cabrera, Martins & Cunha, 2020; Casero-Ripollés, 2020). Partimos, no entanto, da ideia de que a maior atenção à televisão como fonte de informação na pandemia não garantiria, necessariamente, a qualidade dos seus conteúdos, principalmente em cenários marcados pela disseminação de perspectivas negacionistas oriundas das fontes oficiais do Estado.

No Brasil, como em outros países governados por populistas iliberais na crise, vigorou, no entanto, uma política de estado negacionista, que afetou diretamente o desempenho sanitário do país, implicando a morte de 700 mil pessoas. Esses números não se formaram ao acaso; possuem relação com a "[...] postura negacionista que permeou os mais de 20 meses do vírus no país, acrescida da falta de controle incisivo e uniformidade na condução da pandemia", o que [...] "resultou na hesitação da população na adoção das medidas de controle, dificultando a contenção de comportamentos de risco para o contágio" (Maciel et al., 2022, p. 952). Diante de tal cenário, buscamos entender como as duas principais emissoras do país, a partir da cobertura dos seus programas dominicais de informação, lidaram com a crise e interpretaram a postura negacionista de Jair Bolsonaro.

A hipótese inicial do estudo foi de que a Record TV teria construído uma cobertura alinhada à agenda do governo de extrema-direita, evitando críticas diretas a Jair Bolsonaro, ao passo que a Globo se vinculou à perspectiva de autoridades científicas e expôs como inaceitáveis as ações do mandatário na crise. Com efeito, quer os dados da análise de conteúdo, sobre temas e fontes, quer os resultados da análise de enquadramento dão conta do acerto da hipótese, acrescentando elementos que permitem explorar a relação dos *media* tradicionais com o populismo na crise pandêmica. Como se viu, a Globo criticou Bolsonaro claramente, chamando a atenção para a sua postura negacionista e de desrespeito às normas sanitárias, enquanto a Record TV tratou o ex-presidente de forma muito menos incisiva, adotando estratégias de legitimação do discurso negacionista, seja por meio do realce de medicações sem tratamento comprovado na sua cobertura, da ênfase na dicotomia entre saúde e economia, ou pela opção em ouvir vozes como a da médica Yamaguchi, que exibiu, como alternativa, uma medicação cuja eficácia jamais se comprovou.

Na esteira do pensamento de Entman (1993), os enquadramentos noticiosos permitem compreender como um evento é interpretado nos *media*, tanto por aquilo que o enunciador destaca, quanto pelo que é menos realçado, ou mesmo apagado do discurso. Todavia, os enquadramentos são sempre fruto de opções editoriais e processos simbólicos forjados no complexo processo de produção noticiosa, no âmbito do qual se incluem as escolhas políticas do veículo. Sem dúvidas, a Record adotou quadros de sentido que reforçaram o discurso bolsonarista na crise de saúde pública mais grave do século, reafirmando a sua conexão com o projeto da extrema direita. Por outro lado, a posição da Globo parece sugerir que o extremismo do mandatário forçou uma inflexão na sua tradição de alinhamento a políticos conservadores, levando a emissora a uma posição de maior institucionalidade, ao assumir a perspectiva das instituições produtoras de conhecimento em detrimento do negacionismo presidencial.

Em todo o caso, as diferenças reveladas na cobertura, sobretudo os quadros semânticos produzidos pela Record, mostram que, também no campo dos *media* tradicionais, há espaço para a disseminação de conteúdos desinformativos capazes de confundir as pessoas e estimular a normalização do populismo, mesmo no contexto de uma grave crise de saúde pública.

Agradecimentos/Informações sobre financiamento

O presente trabalho contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso. O autor e a autora são gratos pelas valiosas contribuições dos dois revisores anônimos da revista durante o processo de avaliação deste texto.

Referências Bibliográficas

- Albertazzi, D., & McDonnell, D. (2008). Introduction: A new spectre for Western Europe. In D. Albertazzi & D. McDonnell (Eds.), *Twenty-first century populism: The spectre of Western European democracy* (pp. 1–11). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Albuquerque, A. (1994). A campanha presidencial no Jornal Nacional: observações preliminares. *Comunicação e Política*, 1(1), 23-40.
- Alcântara, J., & Ferreira, R. R. (2020). A infodemia da "gripezinha": uma análise sobre desinformação e coronavírus no Brasil. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, 145(1), 137-161. <https://doi.org/10.16921/chasqui.v1i145.4315>
- Cabrera, A., Martins, C., & Cunha, I. F. (2020, October 22). A cobertura televisiva da pandemia de Covid-19 em Portugal. *Media & Journalism*, 20(37), 185-204. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/2183-5462_37_10.
- Casarões, G., & Magalhães, D. (2021, February). The hydroxychloroquine alliance: How far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. *Revista de Administração Pública*, 55(1), 197-214. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-761220200556>

- Casarões, G., & Magalhães, D. (2021). A aliança da hidroxiclороquina: como líderes de extrema direita e pregadores da ciência alternativa se uniram para promover uma droga milagrosa. *Revista de Administração Pública*, 55, 197-214. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>
- Casero-Ripollés, A.(2020). Impact of Covid-19 on the media system. Communicative and dem-ocratic consequences of news consumption during the outbreak. *El profesional de la información*, 29(2), 1-11. doi:10.3145/epi.2020.mar.23
- Chagas, L., & Cruz, M. C. (2021). Nem tudo tem dois lados: a cobertura sobre a vacina no programa Os Pingos nos Is da Jovem Pan. In *Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*.
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>.
- Feres Junior, J., & Gagliardi, J. (2019). O antipetismo da imprensa e a gênese da nova direita. Em E. S. Gallego (Ed.), *Brasil em colapso* (pp. 25-43). São Paulo: UNIFESP.
- Feres Junior, J. & Sassara, L. (2016). O cão que nem sempre late: o Grupo Globo e a cobertura das eleições presidenciais de 2014 e 1998. *Revista Compólitica*, 6(1), 30-64. <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/2565>
- Feres Júnior, J., Cavassana, F., & Gagliardi, J. (2022, November 30). Is Jair Bolsonaro a classic populist? *Globalizations*, 20(1), 60-75. <http://dx.doi.org/10.1080/14747731.2022.2111827>
- Freire, N. P., Cunha, I. C. K. O., Ximenes Neto, F. R. G., Machado, M. H., & Minayo, M. C. S. (2021). A infodemia transcende a pandemia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(9), 4065-4068. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021269.12822021>.
- Hameleers, M., Bos, L., & de Vreese, C. H. (2017). Shoot the messenger? The media's role in framing populist attributions of blame. *Journalism*, 20(9), 1145-1164. <https://doi.org/10.1177/1464884917698170>
- Krämer, B. (2014). Media Populism: A Conceptual Clarification and Some Theses on its Effects. *Communication Theory*, 24(1), 42–60. <https://doi.org/10.1111/comt.12029>.
- Lasco, G. (2020). Medical populism and the COVID-19 pandemic. *Global Public Health*, 15(10), 1417-1429. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/17441692.2020.1807581>.
- Lasco, G., & Curato, N. (2019). Medical populism. *Social Science & Medicine*, 221, 1-8. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.12.006>.
- Maciel, E., Fernandez, M., Calife, K., Garrett, D., Domingues, C., Kerr, L., & Dalcolmo, M. (2022). A campanha de vacinação contra o SARS-CoV-2 no Brasil e a invisibilidade das evidências científicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(3), 951-956. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232022273.21822021>.
- Mazzoleni, G. (2008). Populism and the Media. In D. Albertazzi & D. McDonnell (Eds.), *Twenty-First Century Populism: The Spectre of Western European Democracy* (pp. 49–64). London: Palgrave Macmillan.

- Morais, J. A. de, Costa, A. L. V., & Bernardi, A. J. B. (2020). Populismo, polarização política e a pandemia do coronavírus: Donald Trump e a opinião pública nos Estados Unidos. *Revista Debates*, 14(3), 126-149. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-5269.109155>.
- Mudde, C. (2022). *A extrema direita hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Mudde, C., & Kaltwasser, C. R. (2017). *Populism: A Very Short Introduction*. Nova York: Oxford University Press.
- Norris, P., & Inglehart, R. (2019). *Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Palha, C. R. L. (2013, January). Telejornalismo e Formação de Consenso: o repórter "o caçador de marajás" e o dito "estado parasitário". *História e Perspectivas*, 48(1), 127-154. Uberlândia.
- Paulino, F. O., & Waisbord, S. (2021). Las narrativas del populismo reaccionario. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, 12(1), 33-48. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019_12_2.
- Penaforte, T. R.. O negacionismo enquanto política: o debate da cloroquina em uma comissão parlamentar. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(7), 1-13. agosto 2021. FapUNIFESP (SciELO). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00023021>.
- Porto M, Neves D and Lima B (2020) Crise hegemônica, ascensão da extrema direita e paralelismo político. *Compólitica*, 10(1): 5-34. <https://doi.org/10.21878/compolitica.2020.10.1.367>
- Recuero, R., Soares, F. Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter. *E-Compós*, 24, 1-29. 27 jul. 2021. E-compos. <https://doi.org/10.30962/ec.2127>
- Renault, L. (2020). O telejornal vai à guerra: A cobertura da pandemia de coronavírus no Brasil sob ataques do governo. In C. Emerim, A. Pereira, & I. Coutinho (Orgs.), *Telejornalismo Contemporâneo: 15 anos da rede telejor* (Cap. 7, pp. 104-117). Florianópolis: Insular.
- Sanches, R. L. O. (2022). O posicionamento do telejornalismo da TV Globo e Record no contexto da COVID-19 (Dissertação de mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo dos Campos.
- Tormey, S. (2019). *Populismo: uma breve introdução*. São Paulo: Cultrix.